

Sermão da Primeira Domingo do Advento **de Padre António Vieira**

Caelum et terra transibunt: verba autem mea non transibunt. – S. Lucas, XXI, 33.

I

«Passará o Céu e a Terra, mas o que dizem as minhas palavras não passará».

Com esta notável e não usada sentença conclui Cristo, Redentor nosso, a narração do Evangelho que acabamos de ouvir. Diz que há-de vir julgar e pedir conta ao Mundo no último dia dele; e porque antes de o Mundo ser julgado há-de ser abrasado primeiro e convertido em cinzas; sobre o incêndio que o há-de consumir, cai a primeira parte da conclusão: *Caelum et Terra transibunt*; e sobre a conta que depois promete há-de tomar a todo o género humano, cai a segunda: *Verba autem mea non transibunt*. Estes são os dois maiores portentos, que no teatro universal do Juízo verão naquele dia homens e anjos. Ali se verá o principio do Mundo junto com o fim, e o fim junto com o princípio: o principio com o fim, em tudo o que passou e o fim com o princípio, em tudo o que não há-de passar. Parece dificultosa esta união em tanta distância de séculos; mas esse é e será um dos maiores milagres daquele dia; porque tudo o que passou e deixou de ser, e desapareceu com o tempo, como se não tivera passado, ou tornara a ser de novo, há-de aparecer com a conta. Se olharmos para todas as cousas quantas houve, há e há-de haver no Mundo, então se verá que todas passaram – *transibunt*. Mas se olharmos para essas mesmas cousas, as quais, como ressuscitadas com o género humano, hão-de ser citadas com ele para aparecer em Juízo, então se verá também, e com maior assombro, que nenhuma delas passou; *non transibunt*.

Estas duas verdades, pois, cuja fé o mesmo Supremo juiz com tanta expressão nos ratifica; estes dois desenganos, a que tão mal nos persuadimos os, mortais, enquanto vivemos; e estas duas considerações do que passou e do que não há-de passar – *transibunt et non transibunt* – serão hoje os dois pólos ou pontos do meu discurso. No primeiro veremos que tudo passa; no segundo que nada passa. No primeiro, que tudo passa para a vida; no segundo, que nada passa para a conta. Em dia tão grande não pode o sermão ser breve. Aos ouvintes não peço atenção, mas paciência. Deus, a quem tomo por testemunha de que procurei não lhe dar conta do que hoje disser, se sirva de nos assistir a todos com sua graça, em matéria que tanto toca a todos.

II

Tudo passa, e nada passa. Tudo passa para a vida e nada passa para a conta. A verdade e desengano de que tudo passa (que é o nosso primeiro ponto), posto que seja por uma parte tão evidente que parece não há mister prova, é por outra tão dificultoso, que nenhuma evidência basta para o persuadir. Lede os Filósofos, lede os Profetas, lede os Apóstolos, lede os Santos Padres, e vereis como todos empregaram a pena, e não uma senão muitas vezes, e com todas as forças da eloquência, na declaração deste desengano, posto que por si mesmo tão claro.

Sabiamente falou quem disse que a perfeição não consiste nos verbos, senão nos

advérbios; não em que as nossas obras sejam honestas e boas, senão em que sejam bem feitas. E para que esta condicional tão importante se estendesse também às cousas naturais e indiferentes, inventou o Apóstolo S. Paulo um notável advérbio. E qual foi? *Tanquam non* – como senão: *Ut qui habent uxores, tanquam non habentes sint; et qui flent, tanquam non flentes; et qui gaudent, tanquam non gaudentes; et qui emunt, tanquam non possidentes; et qui utuntur hoc mundo, tanquam non utantur.* «Sois casado? (diz o Apóstolo) pois empregai todo o vosso cuidado em Deus, como se o não fôreis. Tendes ocasiões de tristeza? Pois chorai, como se não choráreis. Não são de tristeza, senão de gosto? Pois alegrai-vos, como se não vos alegráreis. Comprastes o que háveis mister, ou desejáveis? Pois possuí-o, como se o não possuísseis. Finalmente usais de alguma outra cousa deste Mundo? Pois usai dela, como se não usáreis.» De sorte que quanto há ou pode haver neste Mundo, por mais que nos toque no amor, na utilidade, no gosto, a tudo quer S. Paulo que acrescentemos um como *se não – tanquam non*. Como se não houvera tal cousa, como se não fora nossa, como se não nos pertencera. E porquê? Vede a razão: *Praeterit enim figura hujus mundi*: «Porque nenhuma cousa deste Mundo pára ou permanece; todas passam». E como todas passam e são como se não foram, assim é bem que nós usemos delas, «como se não usáramos»; *Tanquam non utantur*. Por isso a essas mesmas cousas não lhes chamou o oráculo do terceiro céu *cousas*, senão *aparências*, e ao Mundo não lhe chamou *Mundo*, senão *figura do mundo*: *Praeterit enim figura hujus mundi*.

Considerai-me o Mundo desde seus princípios, e vê-lo-eis sempre como nova figura no teatro, aparecendo e desaparecendo juntamente, porque sempre passando. A primeira cena deste teatro foi o Paraíso terreal, no qual apareceu o Mundo vestido de imortalidade e cercado de delicias; mas quanto durou esta aparência? Estendeu Eva o braço à fruta vedada, e no brevíssimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou também com ele o Mundo do estado da inocência ao da culpa, da imortalidade à morte, da pátria ao desterro, das flores às espinhas, do descanso aos trabalhos e da felicidade summa ao sumo da infelicidade e miséria. Oh miserável Mundo, que se pararas assim e te contentaras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, foras menos miserável! Mas não serias Mundo, se de uma miséria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação, a outra maior. Os homens naquela primeira infância do Mundo todos vestiam de peles, todos eram de uma cor, todos falavam a mesma língua, todos guardavam a mesma lei. Mas não foi muito o tempo em que se conservaram na harmonia desta natural irmandade. Logo variaram e mudaram as peles com tanta diferença de trajos, que cada dia de pés à cabeça aparecem com nova figura. Logo variaram e mudaram as línguas com tanta dissonância e confusão como a da torre de Babel. Logo variaram e mudaram as cores com a diversidade das terras e climas, e com a mistura do sangue, posto que todo vermelho. Logo variaram e mudaram as leis, não com as de Platão, Sólon ou Licurgo, mas com a do mais imperioso e violento legislador, que é o próprio alvedrio. Tudo mudaram ou tudo se mudou, porque tudo passa.

As vidas, naquele principio, costumavam ser de sete, de oito, de novecentos e quase de mil anos; e que brevemente se acabou este bom costume! Então o viver muitos séculos era natureza; hoje chegar, não a um século, mas perto dele, é milagre. Tardaram em passar até Noé, e também passaram. Com aquelas vidas não só cresciam os anos, senão também os corpos; e dos filhos de Deus, que eram os descendentes de Set; e das filhas dos homens, que eram as descendentes de Caim, nasceram os gigantes, de quem diz a Escritura: *Erant gigantes super terram*. Alguns ossos que ainda duram destes que o mesmo texto sagrado chama varões famosos, demonstram, pela simetria humana, que não podiam ser menos que de vinte e mais côvados; e ainda na história das batalhas de

David temos memória de outros quatro, posto que de muito menor estatura. Mas enfim, acabou a era dos gigantes; porque tudo nesta vida, e mais depressa o que é grande, acaba e passa.

Diminuídos os homens nos corpos e nas idades, quando tinham a morte mais perto da vista, (quem tal crera!) então cresceram mais na ambição e soberba. E sendo todos iguais e livres por natureza, houve alguns que entraram em pensamento de se fazer senhores dos outros por violência, e o conseguiram. O primeiro que se atreveu a pôr coroa na cabeça, foi Membrot, que também com o nome de Nino, ou Belo, deu princípio aos quatro impérios ou monarquias do Mundo. O primeiro foi o dos Assírios e Caldeus; e onde está o império caldaico? O segundo foi o dos Persas; e onde está o império persiano? O terceiro foi o dos Gregos; e onde está o império grego? O quarto, e maior de todos, foi o dos Romanos; e onde está o império romano? Se alguma coisa permanece deste, é só o nome: todos passaram, porque tudo passa.

Em três famosas visões representou Deus estes mesmos impérios a um rei e a dois profetas. A primeira visão foi a Nabucodonosor na estátua de quatro metais; a segunda a Zacarias, em quatro carroças de cavalos de diferentes cores; a terceira a Daniel, em um conflito dos quatro ventos principais, que no meio do mar se davam batalha. Pois se todas estas visões eram de Deus e todas representavam os mesmos impérios, porque variou tanto a sabedoria divina as figuras, e sobre a primeira da estátua, tão clara e manifesta, acrescentou outras duas tão diversas em tudo? – Porque a estátua, na dureza dos metais de que era composta, e no mesmo nome de estátua, parece que representava estabilidade e firmeza; e porque nenhum daqueles impérios havia de perseverar firme e estável, mas todos se haviam de mudar sucessivamente e ir passando de umas nações a outras; por isso os tornou a representar na variedade das carroças, na inconstância das rodas e na carreira e velocidade dos cavalos.

Mas não parou aqui a energia da representação, como não encarecida ainda bastantemente. A estátua estava em pé, e as carroças podiam estar paradas. E porque aqueles impérios, correndo mais precipitadamente que à rédea solta, não haviam de parar no mesmo passo nem por um só momento, e sempre se haviam de ir mudando e passando; por isso finalmente os representou Deus na causa mais inquieta, mudável e instável, quais são os ventos, e muito mais quando embravecidos e furiosos: *Et ecce quatuor venti caeli pugnabant in mari magno.*

III

Enquanto passaram estes quatro impérios, que foi a terceira, quarta, quinta e sexta idade do Mundo, entrando também pela sétima; quem haverá que possa compreender quanto passou no mesmo Mundo? Quando começou o primeiro império, então começou também a idolatria, digno castigo do Céu, que pois os homens se fizeram adorar, chegassem os mesmos a adorar paus e pedras. Os reis, porém, que eram ou tinham sido os idólatras, canonizados depois pela adulação e lisonja, ou na vida ou depois da morte, vinham também eles a ser ídolos. Assim Saturno, assim Júpiter, assim Mercúrio, assim Apolo, assim Marte, assim Vénus, assim Diana; e posto que todos estes deixaram os seus nomes gravados nas estrelas, elas permanecem, mas eles passaram. Passaram os ídolos, e também passaram os oráculos com que neles respondia o pai da mentira, porque ao som da verdade do Evangelho todos emudeceram.

Então começaram as guerras: e que direi dos exércitos inumeráveis, das batalhas campais e marítimas, das vitórias e triunfos de umas nações e da mina, abatimento e servidão de outras, tão vária e alternada sempre? Só digo que assim a glória e alegria dos vencedores, como a dor e afronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O

exercito de Xerxes, que foi o maior que viu o Mundo, constava de cinco mil naus e cinco milhões de combatentes; e porque de uma e outra parte fez continente o Helesponto e cavou e fez navegável o monte Ato, disse dele Marco Túlio que caminhava os mares a pé e navegava os montes: *Tantis classibus Xerxes in Graeciam transiit, ut Hellesponto juncto, Athoque monte perfosso, maria ambularit, terram que navigarit, maria pedibus peragrans, classibus montes*. Mas todo aquele imenso e formidável aparato, que visto fez tremer o mar e a terra, tão brevemente passou e desapareceu, sendo desbaratado e vencido, que só ficou dele este dito. O mesmo Temístocles, que com muito desigual poder o desfez e pôs em fugida, também passou, como na Grécia e fora dela passaram todos os famosos capitães e suas vitórias. Passou Pirro, passou Mitridates, passou Filipe de Macedónia; passaram Heitor e Aquiles, passaram Aníbal e Cipião, passaram Pompeu e Júlio César, passou o grande Alexandre, nome singular e sem parilha, e até Hércules, ou fosse um ou muitos, todos passaram, porque tudo passa.

Costumam as letras seguir as armas, porque tudo leva após si o maior poder; e assim floresceram variamente, em diversas partes, no tempo deste império todas as ciências e artes. Floreceu a filosofia, floreceu a matemática, floreceu a teologia, floreceu a astrologia, floreceu a medicina, floreceu a música, floreceu a oratória, floreceu a poética, floreceu a história, floreceu a arquitectura, floreceu a pintura, floreceu a estatuária; mas assim como as flores se murcham e se secam, assim passaram todos os autores mais celebrados das mesmas ciências e artes. Na estatuária passou Fídias e Lisipo; na pintura passou Timantes e Apeles; na arquitectura passou Meliagenes e Demócrates na música passou Orfeu e Anfíon; na história Tucídides e Lívio na eloquência Demóstenes e Túlio; na poética, Homero e Virgílio; na astrologia, Anaxágoras e Ptolemeu na medicina, Esculápio e Hipócrates; na matemática, Euclides e Arquimedes; na filosofia, Platão e Aristóteles; na teologia, Mercúrio Trismegisto e Apolónio Tianeus; e por junto em todas as ciências passaram no mesmo tempo os sete sábios da Grécia, porque, ou junto ou dividido, tudo passa. Só a ética e moral, como tão necessária à vida e à virtude, parece que não havia de passar; mas os Platónicos, os Peripatéticos, os Epicúrios, os Cínicos, os Pitagóricos, os Estóicos, os Académicos, eles e suas escolas e seitas, todos passaram.

Nenhuma cousa é mais própria desta consideração em que imos, que os jogos e espectáculos públicos, que os homens inventaram a título de passatempo, como se o mesmo tempo não passara mais velozmente que tudo quanto passa. Uns jogos foram os Circenses, outros os Dionísios, outros os Juvenais, outros os Nemeus, outros os Maratoneus, todos cheios de diferentes divertimentos, em que, ou se perdia a honestidade, como nos de Vénus, ou o juízo, como nos de Baco; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos e piedade natural, que os Gladiatórios. Saía toda Roma ao anfiteatro, a quê? a ver e festejar como se matavam homens a homens; caíam uns e sobrevinham outros e outros, sem estar o posto vago um só momento, aclamando a cabeça do Mundo, com aplausos mais carniceros que cruéis, assim no dar, como no receber das feridas, tanto a intrepidez dos mortos, como a fúria dos matadores. Os jogos seculares se chamavam assim, porque se celebravam uma só vez de século a século; e dizia o pregão público que convidava para eles: *Venite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec visurus est*: «Vinde ver os jogos que ninguém viu, nem há-de tornar a ver». E com este desengano da vida passada e desesperação da futura os iam todos ver, e se chamavam jogos. Os Olímpicos foram os mais célebres e famosos de todos, em que de cinco em cinco anos concorria todo o Mundo a uma cidade do mesmo nome, ou a levar ou a ver quem levava uma coroa de louro. Por estes jogos, mais que pelo curso do Sol, se contavam e distinguiam os anos. Mas como toda a competência era a correr, e o

que mais corria, o que triunfava, não podiam deixar de passar as Olimpíadas, como passaram todos os outros jogos daqueles tempos ou todos os passatempos daqueles jogos.

Só uma cousa há que não pode passar, porque o que nunca foi, não pode deixar de ser, e tais parece que foram as fábulas que neste mesmo tempo se inventaram e fingiram. Mas se elas não passaram em si mesmas, passaram naqueles casos e cousas que deram ocasião a se fingirem. Na seca universal que abrasou todo o Mundo, passou a fábula de Faetonte; no dilúvio particular que inundou grande parte dele, passou a fábula de Deucalião; no estudo com que el-rei Atlante contemplava o curso e movimento das estrelas, passou a fábula de trazer o céu aos ombros; na especulação contínua de todas as noites, com que Endimião observava os efeitos do planeta mais vizinho à Terra, passou a fábula dos seus amores com a Lua. E porque também os nossos vícios, a nossa fraca virtude e a nossa mesma vida passa como fábula, o amor e complacência de nós mesmos passou na fábula de Narciso; a riqueza sem juízo, na fábula de Midas; a cobiça insaciável, na fábula de Tântalo; a inveja do bem alheio, na fábula e abutre de Tício; a inconstância da fortuna mais alta, na fábula e roda de Euxión; o perigo de acertar com o meio da virtude, e não declinar aos vícios dos extremos, na fábula de Cila e Caribdes; e finalmente a certeza da morte e incerteza da vida, pendente sempre de um fio, passou e está continuamente passando na fábula das Parcas. Assim envolveram e misturaram os sábios daquele tempo o que há com o que não há, e o certo com o fabuloso, para que nem o louvor nos desvaneça, nem a calúnia nos desanime, pois o verdadeiro e o falso, a verdade e a mentira, tudo passa.

Mas não é justo que nesta passagem de tudo o que passou no tempo dos quatro impérios profanos do Mundo, passemos nós em silêncio aquela república sagrada, que alcançou a todos quatro, e por ser fundada por Deus, parece que tinha direito a não passar. Nasceu a república hebreia no cativo do Egípto; e quem então lhe levantasse figura, facilmente lhe podia prognosticar os três cativos e transmigrações com que foi arrancada da pátria. Uma vez cativa por Salmanasar, em que passou desterrada aos Assírios; outra vez cativa por Nabucodonosor, em que passou desterrada aos Babilónios; e a terceira e última vez cativa por Tito e Vespasiano, em que passou desterrada a todas as terras e nações do Mundo. Começou no famoso triunvirato de Abraão, Isaac e Jacob, tantas vezes nomeado e honrado por boca do mesmo Deus; mas nem por isso deixaram de passar todos três. Sucedeu-lhe José, o que sonhou as suas felicidades e as adorações de seu pai e irmãos; e posto que todas se cumpriram, todas passaram como se foram sonho. Teve o mesmo povo três estados de governo: o dos Juizes, o dos Reis, o dos Capitães; e se bem subindo e descendo, as varas se trocaram com os ceptros e os ceptros com os bastões, nenhum daqueles estados foi estável, todos passaram. Nos Juizes, passou a espada de Gedeão, o arado de Sangar e a queixada de Sansão. Nos Reis, passou a valentia de David, a sabedoria de Salomão e a piedade e religião de Josias. Nos Capitães, passou o braço invencível de Judas Macabeu, vencedor de tantas batalhas; passou a façanha imortal de Eleázaro, que, metendo-se debaixo do elefante, matou a sua própria sepultura; e passou mais glorioso que todos o honrado e zeloso testamento do velho Matatias, digno de ser escrito em bronzes. E porque não ficaram totalmente em silêncio as heroínas da mesma nação, quatro houve nela insignes na formosura: Sara, Raquel, Ester e Judite, todas porém fatais a quem as amou. Sara, a um peregrino com perigos; Raquel, a um pastor com trabalhos; Ester, a um rei com desgostos, e Judite a um general com a morte. Este acabou miseravelmente a vida; mas as formosuras, antes de se acabarem as vidas, já tinham passado. Floreceram no mesmo povo, além de outros igualmente verdadeiros, dezasseis profetas canónicos, quatro maiores e doze menores; mas em espaço de três séculos os maiores e menores, desde Osias a Malaquias, todos passaram. Passaram os milagres da vara, passaram os da

serpente de metal, passaram os de Elias e Eliseu; e porque só faltava passar a lei de Moisés e o sacerdócio de Arão, a lei e o sacerdócio também passaram, porque tudo passa.

Agora quisera eu perguntar ao Mundo, se como me enche a memória de tantas cousas, que todas passaram, me mostrará alguma aos olhos que não passasse? Às sete fábricas a que a fama deu nome de maravilhas, acrescentaram alguns como oitava o anfiteatro romano. Mas a maravilha oitava ou nona, é que todas essas maravilhas, que pareciam eternas, passaram. A primeira maravilha foram as pirâmides do Egipto; a segunda, os muros de Babilónia; a terceira, a torre de Faro; a quarta, o colosso de Rodes; a quinta, o mausoléu de Cana; a sexta, o templo de Diana Efesina; a sétima, o simulacro de Júpiter Olímpico. E deixando o anfiteatro, de que só se vêem as ruínas, as pirâmides caíram, os muros arrasaram-se, o colosso desfez-se, o mausoléu sepultou-se, a torre sumiu-se, o farol apagou-se, o templo ardeu, e o simulacro como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo. Tem mais que dizer, ou que opor o Mundo? Só pode apelar para as mais fortes e bem fundadas cidades, cortes e metrópoles dos mais poderosos impérios: argumento verdadeiramente de grande boato, antes de se lhe tomar o peso. Nínive, corte de Nino, foi a maior cidade do Mundo: andava-se de porta a porta, não menos que em três dias de caminho; edificada de propósito com arrogância de que nenhuma outra a igualasse, como não igualou. Mas onde está essa Nínive? Ecbatânis, corte de Arfaxad e cidade que o texto sagrado chama potentíssima, era cercada de sete ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada uma de vinte e sete palmos por todas as faces, e as portas com prodigiosa altura de cem côvados. Mas onde está essa Ecbatânis? Susa, corte de Assuero e metrópole de cento e vinte e sete províncias, cujo palácio representava um céu estrelado, fundado sobre colunas de ouro e pedras preciosas, e cujos muros eram de mármore brancos e jaspes de diferentes cores; bem se deixa ver quão forte e inexpugnável seria, pois defendia tão grande monarca, dominava tantos remos e guardava tantos tesouros. Mas onde está essa Susa?

Se houvéssemos de fazer a mesma pergunta às ruínas de Tebas, de Mênfis, de Bactra, de Cartago, de Corinto, de Sebaste e da mais conhecida de todas, Jerusalém, necessário seria dar volta a toda a redondeza da terra. De Tróia disse Ovídio: *Iam seges est ubi Troia fuit*. E o mesmo podemos dizer das planícies, vales e montes, donde se levantavam às nuvens aqueles vastíssimos corpos de casas, muralhas e torres. De umas se não sabem os lugares onde estiveram; de outras se lavram, semeiam e plantam os mesmos lugares, sem mais vestígios de haverem sido, que os que encontram os arados, quando rompem a terra; para que os homens compostos de carne e sangue se não queixem da brevidade da vida, pois também as pedras morrem; e para que ninguém se atreva a negar, que tudo quanto houve, passou e tudo quanto é, passa.

IV

A razão deste curso ou precipício geral com que tudo passa, não é uma só, senão duas: uma contrária a toda a estabilidade, e outra repugnante ao mesmo ser. E quais são? O tempo, e antes do tempo, o nada. Que cousa mais veloz, mais fugitiva e mais instável que o tempo? Tão instável, que nenhum poder, nem ainda o divino o pode parar. Por isso os quatro animais que tiravam pela carroça da glória de Deus neste Mundo, não tinham rédeas. Descreveu o tempo no palácio do Sol o mais engenhoso de todos os poetas, e dividindo-o em suas partes, disse assim elegantemente:

*A dextra, laevaue dies, et mensis, et annus,
Seecula que, et positae spatiis aequalibus horae:*

*Verque novum stabat cinctum florente corona:
Stabat nuda aestas, et spicea sarta gerebal.
Stabat et Autumnus calcatis cordidus uvis;
Et glacialis Hyems canis hirsuta capillis.*

(*Metamorph.* Lib. 2).

Elegantemente, torno a dizer, mas falsa e impropriamente. Aquele *stabat* tantas vezes repetido, é o que tirou toda a semelhança de verdade à engenhosa pintura. Porque nem a Primavera com as suas flores, nem o Estio com as suas espigas, nem o Outono com os seus frutos, nem o Inverno com os seus frios e neves, por mais tolhido e entorpecido que pareça, podem estar parados um momento. Passam as horas, passam os dias, passam os anos, passam os séculos, e se houvesse hieroglífico com que se pudessem pintar, havia de ser todos com asas, não só correndo e fugindo, mas voando e desaparecendo. Nem escusa esta impropriedade estar o Sol assentado: *Sedebat in solio Phoebus*; porque o Sol pode parar, como no tempo de Josué; ou tornar atrás, como no tempo de Ezequias; mas o tempo em nenhum tempo, nem deixar de ir por diante sempre, e com a mesma velocidade. Bem emendou esta sua impropriedade o mesmo poeta, quando depois disse:

*Ipsa quo que assiduo labuntur tempora motu
Non secus ac flumen, neque enim consistere jlumen
Aut levis hora potest.*

(*Metamorph.* Lib. 4.)

E como o tempo não tem nem pode ter consistência alguma, e todas as cousas desde seu principio nasceram juntamente com o tempo, por isso nem ele, nem elas podem parar um momento, mas com perpétuo moto e revolução insuperável passar e ir passando sempre.

A segunda razão ainda é mais natural e mais forte: o nada. Todas as cousas se revolvem naturalmente e vão buscar com todo o peso e ímpeto da natureza o principio donde nasceram. O homem, porque foi formado da terra, ainda que seja com dispêndio da própria vida e suma repugnância da vontade, sempre vai buscar a terra e só descansa na sepultura. Os rios, esquecidos da doçura de suas águas, posto que as do mar sejam amargosas, como todos nasceram do mar, todos vão buscar o mesmo mar, e só nele se desafogam e param como em seu centro. Assim todas as cousas deste Mundo, por grandes e estáveis que pareçam, tirou-as Deus com o mesmo Mundo do não ser ao ser; e como Deus as criou do nada, todas correm precipitadamente. e sem que ninguém as possa ter mão, ao mesmo nada de que foram criadas. Vistes o torrente formado da tempestade súbita, como se despenha impetuoso e com ruído; e tanto que cessou a chuva, também ele se secou e sumiu subitamente e tornou a ser o nada que dantes era? Pois assim é tudo, e somos todos, diz David: *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens.*

Sonhastes no último quarto da noite, quando as representações da fantasia são menos confusas, que possuíeis grandes riquezas, que gozáveis grandes delicias e que estáveis levantado a grandes dignidades; e quando depois acordastes, vistes com os olhos abertos que tudo era nada? Pois assim passam a ser nada em um abrir de olhos todas as aparências deste Mundo, diz o mesmo Profeta: *Velut somnium surgentium, Domine (...) imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* De sorte que estas são as duas

razões por que todas as cousas passam. Passam, porque voam com o tempo, e passam, porque vão caminhando para o nada donde saíram. Por isso, como diz o Espírito Santo, quando umas passaram ou têm passado, é necessário que venham outras para também passar: *Generatio praeterit, et generatio advenit: terra autem in aeternum stat.*

Mas se bem se repara nesta mesma sentença. sendo tão poucas as suas palavras, assim como umas confirmam, assim outras parece que impugnam e destroem quanto imos dizendo. Porque se a Terra está sempre firme e estável – *terra autem in aeternum stat* –; segue-se que ao menos a mesma Terra não passa, e que há no Mundo alguma cousa que não passe. Concederemos pois esta excepção ao nosso assunto e diremos que passam as figuras, como diz S. Paulo, mas que a Terra, que é o teatro, não passa? Não digo, nem concedo tal. A Terra toda não passa, mas passam e sempre estão passando todas as partes dela. A Terra compõe-se de reinos, os reinos compõem-se de cidades, as cidades compõem-se de casas e campos, e principalmente de homens, e tudo isto, que tudo é terra (e toda a Terra) perpetuamente está passando. Daniel, revelando a Nabucodonosor a inteligência da sua estátua, disse que Deus muda os tempos e as idades, e conforme elas, passa os remos de uma parte para outra: *Ipsa mutat tempora, et aetates: transfert regna, atque constituit.* Assim passou o reino do mesmo Nabuco para a Pérsia, o dos Persas para a Grécia, o dos Gregos para Roma e o dos Romanos para tantos outros, quantos hoje coroa outras cabeças, as quais se devem lembrar daquela infalível sentença: *Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias.* O nosso reino, não sendo no sitio original dos maiores, quantas vezes passou a outras gentes? Passou aos Suevos, passou aos Alanos, passou aos Cartagineses, passou aos Romanos, passou aos Árabes e Sarracenos, e dentro da mesma Espanha também passou e tornou a passar. Os terramotos, que se geram do ar violentado nas entranhas da terra, são muito raros, mas os que se fazem na superfície dela, sempre a trazem em perpétuo movimento.

E se os grandes remos e impérios não são estáveis, e passam, que serão as cidades particulares, para que não é necessário que a roda da fortuna dê toda a volta? Não falo daquelas que acabaram como de morte súbita, abrasadas até a última cinza no incêndio de uma noite, como Tróia e Lugduno. Desta disse judiciosamente Séneca: *in hac una vox fuit inter urbem maximam et nullam... Nihil privatim, nihil publice stabile est; tam hominum, quam urbium fata volvuntur.* Deixadas pois estas, que subitamente passaram do ser ao não ser; só falo das que por seus passas contados vieram de um domínio a outro domínio. E quantas vezes as pombas de Babilónia, quantas os leões de Jerusalém, quantas as Águias de Roma e de Constantinopla viram sobre suas muralhas outras bandeiras? O maior teatro de Marte no nosso século, e porventura, que em nenhum outro, foram as guerras belgicas; e na grande província de Holanda, excepta Dorth, por isso chamada *a Virgem*, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada e alternasse o domínio. Que direi dos confins sempre incertos, e tão frequentemente mudados, de Espanha com França, de França com Germânia, de Germânia com a Turquia, e da Turquia com Itália? Anos há, que a antiga Creta, hoje Cândia, sem ser das ilhas errantes do arquipélago, tem posto em dúvida o Mundo para onde há-de ir, e se há-de reconhecer as cruces ou as meias luas.

E quanto às casas, membros menores de que se compõem innumeravelmente as cidades; quem poderá compreender o inextricável labirinto, com que à maneira de peixes no mar, se andam sempre movendo, e passando de um dono para outro dono? Ouçamos a familiar evidência com que o grande juízo de S. Agostinho demonstrou a um deles esta perpétua instabilidade. Introduz um rico que, jactancioso de ser senhor da sua casa, dizia: *Domum meam habeo*; e pergunta-lhe o santo assim: – *Quam domum tuam?* – *Quam Pater meus mihi dimisit.* – *Et unde ille habuit?* – *Avus noster illam reliquit.* – *Recurre ad Proavum, inde ad Abacum, et jam nomina non potes dicere.*

Pater tuus hic eam dimisit, transivit per illam, sic et tu transibis: «Esta casa de que vos jactais ser senhor, porque é vossa? – Porque a herdei de meu pai. – E vosso pai de quem a houve? – De meu avô – E de quem a houve vosso avô? – De meu bisavô. – E vosso bisavô de quem? – De meu trisavô. – Já não tendes palavras com que prosseguir de quem mais foi, e a quem mais passou essa casa, que chamais vossa. Pois assim como ela passou, e vossos antepassados passaram por ela, assim ela e vós também haveis de passar». Por este modo sem firmeza, nem estabilidade alguma, estão sempre passando neste Mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados: uns, porque os faz passar a morte, outros, porque os manda passar a justiça; outros, porque os convida a passar a riqueza dos que os compram; outros, porque os obriga a necessidade dos que vendem; outros, porque a força e poder os rouba e senhoreia por violência. Em suma, que não há pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra na Terra, que não esteja sempre passando, porque tudo passa.

V

Deste tudo que está sempre passando, é o homem não só a parte principal, mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo. E vendo o homem com os olhos abertos, e ainda os cegos, como tudo passa, só nós vivemos como se não passáramos. Somos como os que, navegando com vento e maré, e correndo velocissimamente pelo Tejo acima, se olham fixamente para a terra, parece-lhes que os montes, as torres e a cidade é o que passa; e os que passam são eles. É o que disse o poeta: *Montes, urbesque recedunt*. Mas dêmos volta a esta mesma comparação, e veremos na terra outro género de engano ainda maior.

A maior ostentação de grandeza e majestade que se viu neste Mundo, e uma das três que S. Agostinho desejara ver, foi a pompa e magnificência dos triunfos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, naquele tempo vastíssima, encaminhados longamente ao Capitólio; precediam os soldados vencedores com aclamações; seguiam-se representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inacessíveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes; as fortalezas e armas dos inimigos e as máquinas com que foram expugnadas; em grande número de carros, os despojos e riquezas, e tudo o raro e admirável das regiões novamente sujeitas; depois de tudo isto, a multidão dos cativos, e talvez os mesmos reis maniatados; e por fim em carroça de ouro e pedraria, tirada por elefantes, tigres ou leões domados, o famoso triunfador: ouvindo a espaços aquele glorioso e temeroso pregão: *Memento te esse mortalem*. Enquanto esta grande procissão (que assim lhe chama Séneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janelas e os palanques, que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a ver. E se Diógenes então perguntasse, quais eram os que passavam, se os do triunfo, se os que o estavam vendo, não há dúvida que parecia a pergunta digna de riso. Mas o certo é que tanto os da procissão e do triunfo, como os que das janelas e palanques os estavam vendo, uns e outros igualmente passavam, porque a vida e o tempo nunca pára; e ou indo, ou estando; ou caminhando, ou parados, todos sempre com igual velocidade passamos.

Declarou esta verdade tão mal advertida com uma semelhança muito própria Santo Ambrósio elegantemente: *Et si non videmur ire corporaliter, progredimur. Nam sicut in navibus dormientes ventis aguntur in portus; sic vitae nostrae spatio defluent, ad proprium unusquisque finem, cursu labente deducimur. Tu enim dormis, et tempus tuum ambulat*. Todos imos embarcados na mesma nau, que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo; e assim como na nau uns governam o leme, outros mareiam as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão assentados;

uns cantam, outros jogam, outros comem, outros nenhuma cousa fazem, e todos igualmente caminham ao mesmo porto; assim nós, ainda que o não pareça, insensivelmente imos passando sempre e avizinhandose cada um ao seu fim; porque tu, conclui Ambrósio, dormes, e o teu tempo anda: Tu dormis, *et tempus tuum ambulat*.

Disse pouco em dizer o *tempo anda*, porque corre e voa; mas advertiu bem em notar que nós dormimos, porque, tendo os olhos abertos para ver que tudo passa, só para considerar que nós também passamos, parece que os temos fechados.

Dito foi do grande filósofo Heraclito, alegado e celebrado por Sócrates: *Non posse quemquam bis in eumdem fluvium descendere*: que «nenhum homem podia entrar duas vezes em um rio». E porquê? Porque quando entrasse a segunda vez, já o rio, que sempre corre e passa, é outro. E de aqui infiro eu que o mesmo sucederia se não fosse rio, senão lago ou tanque aquele em que o homem entrasse; porque ainda que a água do lago e do tanque não corre, nem se muda, corre porém e sempre se está mudando o homem, que «nunca permanece no mesmo estado»: *Et nunquam in eodem statu permanet*. Assim o disse Job, e quem o não disser assim de todo o homem, e de si mesmo, não se conhece. Admira-se Filo Hebreu, de que, perguntando Deus a Adão onde estava: *Adam, ubi es?* ele não respondesse. Mas logo escusa ao mesmo Adão, e a qualquer outro homem a quem Deus fizesse a mesma pergunta; porque como pode responder onde está, quem não está? Se dissesse: – Estou aqui (como subtilmente argüi Santo Agostinho) entre a primeira sílaba e a segunda já o *estou* não seria *estou*, nem o *aqui* seria o mesmo lugar; porque como tudo está passando, tudo se teria mudado. Por isso conclui o mesmo Filo que, se Adão houvesse de responder própria e verdadeiramente onde estava, havia de dizer: – *Nusquam* «em nenhuma parte»; porque em nenhuma parte está aquilo que nunca está, mas sempre passa: *Ad quod proprie respondere poterat, nusquam, eo quod humana res nunquam in eodem statu maneat*.

Considerando este contínuo passar do homem (não fora de si, senão onde verdadeiramente parece que está e permanece, que é dentro em si mesmo) diziam os sábios da Grécia, como refere Eusébio Cesariense, que todo o homem que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da infância à puerícia, morre a infância; passando da puerícia à adolescência, morre a puerícia; passando da adolescência à juventude, morre a adolescência; passando da juventude à idade de varão, morre a juventude; passando da idade de varão à velhice, morre a idade de varão; e finalmente acabando de viver por tanta continuação e sucessão de mortes, com a última, que só chamamos morte, morre a velhice. Assim o consideravam aqueles sábios, mais larga e menos sabiamente do que deveram, aos quais por isso emendou S. Paulo, dizendo que «morria todos os dias»: *Quotidie morior*. E já pode ser que da comunicação que Séneca teve com S. Paulo, ensinou ele esta mesma lição ao seu discípulo, quando lhe diz: *Singulos dies, singulas vitas puta*.

Se o Sol, que sempre é o mesmo, todos os dias tem um novo nascimento e um novo ocaso, quanto mais o homem por sua natural inconstância tão mudável, que nenhum é hoje o que foi ontem, nem há-de ser amanhã o que é hoje! Desenganemo-nos pois todos, e diga, ou diga-se cada um com el-rei Ezequias: *De mane usque ad vesperam finies me*. E seja a última conclusão deste largo discurso que então definiremos bem e conheceremos o que é esta vida e este Mundo, quando entendermos que não só estamos nele em perpétua passagem, mas em perpétuo passamento.

VI

Assim passamos todos, e assim passa tudo para a vida; desengano verdadeiramente não só triste, mas tristíssimo, se este superlativo e outros de maior

horror não foram mais devidos ao que, e depois de tudo passar, se segue. Depois da vida segue-se a conta; e sendo a conta que se há-de dar, de tudo o que passou na vida, tristíssima e terribilíssima consideração é que, passando tudo para a vida, nada passe para a conta! O que faz e há-de fazer dificultosa a conta são os pecados da vida, e de toda a vida. E que confusão será naquele dia tão cheio de horror e assombro, olhar para a vida e para os pecados de toda ela, e ver que a vida passou, e os pecados não passaram!

Deste passar e não passar, não só temos os documentos da Escritura, mas grandes e manifestos exemplos da mesma natureza. Cristo, Redentor e Juiz universal nosso, comparou o Dia do Juízo a «uma rede lançada ao mar»: *Sagenae missae in mare*. O mar é este Mundo; a rede é a compreensão da ciência e justiça divina; os que nela andam nadando já presos, ou em maior ou menor largueza, são todos os homens. E assim como na rede, quando a malha é muito estreita, só a água pode passar e nenhuma outra coisa, assim passa somente por ela a vida, e tudo o mais (que são os pecados) fica dentro, e nada passa. Oh quão apertada e estreita é esta malha da rede de Deus; e quão fácil de passar, ainda por ela, a vida, que «como água sempre está passando»! *Omnes morimur, et quasi aqua dilabimur*.

O mesmo Cristo comparou este passar e não passar ao crivo, quando disse a seu discípulos: *Satanas expetivit vos ut cribraret sicut triticum*. Assim como no crivo (diz S. João Crisóstomo, comentando estas palavras), assim como no crivo, dando uma e muitas voltas, passa o grão e só fica a palha, assim neste Mundo (que todo é furado) com a volta que dão os dias e os anos, passa a vida e os gostos dela. *Et in novissimo nihil remanet, nisi solum peccatum*, e «no fim, e para o fim só fica o pecado». De outro crivo fala David, que é o das nuvens, por onde se coa a água da chuva, o qual mais altamente nos inculca este mesmo documento: *Cribrans aquas de nubibus caelorum*. Desce a nuvem como esponja a beber no mar, e sendo a água do mar salgada e amargosa, passada porém pela nuvem, o que lá fica é o amargoso, e o que cá desce, o doce. Por isso com grande propriedade este passar e não passar se compara na nuvem ao crivo, e na vida e na conta à nuvem, O que passa por ela e cá logramos, é o doce da vida; o que fica lá em cima e não vemos, é o amargoso da conta.

Não podia Job faltar a enobrecer este mesmo assunto, como tão próprio das suas experiências, com alguma semelhança que mais ainda no-lo declare. Diz que «observou Deus todos seus caminhos e considerou as pegadas dos seus pés»: *Observasti omnes semitas meas, et vestigia pedum meorum considerasti*. E porque considera Deus não os passos, senão as pegadas? Porque os passos passam, as pegadas ficam; os passos pertencem à vida, que passou, as pegadas à conta, que não passa.

Mas que diferentemente não passa Deus pelo que nós tão facilmente passamos! Nós deixamos as pegadas de trás das costas, e Deus tem-nas sempre diante dos olhos, com que as nota e observa; as pegadas para nós apagam-se, como formadas em pó; para Deus não se apagam, como gravadas em diamante. Tal é a consideração dos pecados, que na nossa memória logo se perde, e na ciência divina sempre está presente.

Os Setenta em lugar de *pegadas* trasladaram *raízes*. *Et radices pedum meorum considerasti*. Assim como os pés se chamam *plantas*, assim as pegadas lhes quadra bem o nome de *raízes*. E porque deu este nome Job às pegadas dos seus passos? Não só porque os passos passam e as pegadas ficam, mas porque ficam como raízes fundas e firmes, e que sempre permanecem. As pegadas estão manifestas e vêem-se; as raízes estão escondidas e não se vêem; e assim tem Deus guardados invisivelmente todos os nossos pecados, os quais no dia da conta rebentarão como raízes, e brotarão nos castigos, que pertencem à natureza de cada um. Isto é o que tanto cuidado dava a Job.

Finalmente, o Apóstolo S. Paulo, pregando contra os que abusam da paciência e

benignidade de Deus, e em vez de se aproveitarem do espaço que lhes dá para a penitência, gastam a vida em acumular pecados sobre pecados: – «Não vês (diz) ó homem, que desprezas as riquezas do sofrimento e longanimidade divina, e que pelo contrário, segundo a dureza do teu coração, entesouras para ti a ira e vingança, que te espera no dia do júízo?...» *An divitias bonitatis ejus, et patientiae, et longanimitatis contemnitis? Secundum autem duritiam tuam, et impenitentem cor, thesaurizas tibi iram in die irae, et revelationis justi judicii Dei?* De maneira que ao pecar sobre pecar chama S. Paulo *entesourar: tizesaurizas tibi*; porque ainda que a vida e os dias em que pecamos passam, os pecados que neles cometemos, não passam, mas ficam depositados nos tesouros da ira divina.

Fala o Apóstolo por boca do mesmo Deus, o qual diz no *Deuteronomio: Nonne hac condita sunt apud me, et signata in thesauris meis? Mea est ultio, et ego retribuam in tempore*. Estes tesouros, pois, que agora estão cerrados, se abrirão a seu tempo «e se descobrirão para a conta no Dia do Júízo», que isso quer dizer *in die irae, et revelationis justi judicii Dei*. Considerai-me um homem rico, e que tem mais rendas cada ano do que há mister para se sustentar; que faz este homem? Uma parte do que tem gasta, e outra parte entesoura. Pois isto é o que fazemos todos. Todos gastamos e todos entesouramos; todos gastamos o que passa, e todos entesouramos o que não passa; o que gastamos, é o da vida; o que entesouramos, o da conta.

Infinita matéria seria, se agora houvéramos de reduzir à prática uma e outra parte desta demonstração, e pô-las ambas em teatro. Mas por isso nos detivemos tanto no primeiro ponto do nosso discurso. Não vimos nele desde o princípio do Mundo como tudo passou? Não vimos como todos os que em tantos séculos viveram, passaram? Pois esse tudo que então passou para a vida, é o nada que não passou para a conta; e esses todos que então morreram e agora estão sepultados, são os que ressuscitados neste mesmo dia hão-de aparecer vivos diante do tribunal divino, para dar essa conta estreitíssima de quanto fizeram. Neste tribunal viu S. João «assentado sobre um trono de admirável majestade o Supremo Juiz, e com aspecto tão terrível, que afirma fugiu dele o Céu e a Terra»: *Et vidi thronum magnum candidum, et sedentem super eum, a cujus conspectu fugit terra, et caelum*. Diz mais, que «viu a todos os mortos, grandes e pequenos, em pé, como réus, diante do mesmo trono»: *Et vidi mortuos magnos et pusillos stantes in conspectu throni*. E finalmente conclui que então «apareceram e se abriram um livro e muitos livros, e que pelo que estava escrito nestes livros foram julgados todos, cada um conforme suas obras»: *Et libri aperti sunt; et alius liber apertus est, qui est vitae; et judicati sunt mortui ex his quae scripta erant in libris secundum opera ipsorum*. Desta distinção que o Evangelista faz de livro a livros, se vê claramente que «o livro era da vida» – *liber qui est vitae* – e que os livros eram da conta, porque «pelos livros foram julgados os mortos»: *Et judicati sunt mortui ex his quae scripta erant in libris*. Assim entendem literalmente estes textos como soam, Beda e outros Padres. Mas por que razão o livro da vida era livro, e os livros da conta livros? Porque livro da vida contém os dias da mesma vida, que são poucos, e os livros da conta contém os pecados cometidos nos mesmos dias, que são muitos. Assim que, postos à vista no tremendo tribunal, de uma parte o livro e da outra os livros, então se verão juntas e concordes as duas combinações do nosso assunto: no livro, como tudo passa para a vida; nos livros, como nada passa para a conta.

VII

Este nada, do qual dizemos que nada passa para a conta, é o que agora havemos de examinar. Pergunto: se nada passa para a conta, parece que também o nada pode ser

chamado a juízo? E se acaso for chamado, escapará da conta o nada por ser nada? Creio que todos estão dizendo que sim. Mas é certo e de fé que também o nada, por mais qualificado que seja, há-de ser chamado a juízo, e porque nada passa para a conta, nem o mesmo nada há-de passar sem ela, e mui rigorosa. Ninguém foi mais qualificado na Lei da Natureza que Job, e ninguém mais qualificado na Lei da Graça que S. Paulo: e que dizia de si um e outro? Job dizia que «nada tinha feito contra Deus»: *Quia nihil impium fecerim*. S. Paulo dizia que «nada havia na sua consciência, de que ela o acusasse»: *Nihil mihi conscius sum*. E este nada de Job e este nada de S. Paulo escaparam porventura da conta e do juízo? Eles mesmo confessam que de nenhum modo. Job dizia que Deus o tinha posto a questão de tormento, como réu, «para averiguar se o que ele tinha por nada, verdadeiramente era nada»: *Ut quaeras iniquitatem meam, et peccatum meum scruteris, et scias, quia nihil impium fecerim*. E S. Paulo dizia que «ele se não dava por justificado do que na sua consciência reputava por nada, porque desse nada não havia ele de ser o juiz, senão Deus»: *Nihil mihi conscius sum, sed non in hoc justificatus sum; qui autem judicat me, Dominus est*. Eis aqui quão manifesta e provada verdade é que nada passa para a conta, pois até do mesmo nada a há-de tomar Deus, e tão estreita.

Mas qual é ou pode ser a razão por que onde dois homens tão grandes, tão qualificados e tão santos, como Job e S. Paulo, não reconhecem nada de culpa, lha haja de arguir Deus e pedir-lhes conta? A primeira razão, e da parte de Deus (a qual só pode ignorar quem o não conhece) é, porque ainda nas coisas mais interiores nossas, conhece Deus muito mais de nós, do que nós de nós. Quando Cristo na mesa da última ceia revelou aos Apóstolos, que «um deles o havia de entregar»: *Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est*, diz o Evangelista que, muito tristes todos com tal notícia, começou cada um a perguntar: *Nunquid ego sum, Domine?* «Porventura, Senhor, sou eu esse? » Pedro, André, João e os demais, excepto Judas, bem sabia cada um de si, que não era o traidor, nem tal cousa lhe passara pelo pensamento; pois porque se não deixam estar muito seguros na boa fé da sua lealdade, mas pondo em dúvida o de que não duvidavam, pergunta cada um a Cristo se é ele o traidor? *Nunquid ego sum?* – Porque ainda que a própria consciência os não acusava, sabiam todos que sabia Cristo mais de cada um deles, do que eles de si. Eles conheciam-se como homens, Cristo conhecia-os como Deus. Esse foi o erro e engano de S. Pedro, que estava à mesma mesa! Pedro disse que, se fosse necessário, daria a vida por Cristo; Cristo, pelo contrário, disse que três vezes o havia de negar naquela noite. E porque foi esta a verdade? Porque «Pedro falou pelo que ignorava de si, e Cristo pelo que conhecia dele»: *Hoc illi Christus praenuntiabat, quod in se ipse ignorabat*, diz Santo Agostinho. E como o juiz daquele dia conhece mais de nós do que nós de nós, não é muito que ele nos condene pelo que nós ignoramos, e que no seu juízo seja culpa o que no nosso parece inocência.

A segunda razão, e da parte nossa, é porque, assim como Deus sabe tanto de nós, assim nós sabemos muito pouco de Deus; e por isso as nossas razões não podem alcançar as suas. Um dia, depois de Cristo entrar triunfante em Jerusalém, vindo de Betânia para a mesma cidade, *esuriit* «teve fome»; e como visse ao longe uma figueira verde e copada, encaminhou os passos até ela, «por se acaso tivesse algum fruto»: *Si quid forte inveniret in ea*. Mas porque não achou mais que folhas, lançou-lhe o Senhor maldição, «de que eternamente não desse fruto»: *Nunquam ex te fructus nascatur is sempiternum*; e no mesmo momento se secou a árvore desde as folhas até às raízes. É porém muito de notar neste caso, como nota S. Marcos, que «não era tempo de figos»: *Non enim erat tempus ficorum*. Pois se não era tempo de aquela árvore ter fruto, porque a amaldiçoa Cristo e a seca, não só para aquele ano, senão para sempre? Podia haver causa ou desculpa mais natural de não ter fruto, que não ser tempo dele? Da árvore a

que é comparado o justo, diz David que «dará o seu fruto no seu tempo»: *Et fructum suum dabit in tempore suo*. Pois se é louvor nas melhores árvores darem a seu tempo o seu fruto, como foi culpa nesta não se achar nela fruto, quando não era tempo? O mesmo Evangelista S. Marcos diz que esta sentença de Cristo foi resposta que o Senhor deu à árvore: *Et respondens, dixit ei: Jam non amplius in aeternum ex te fructum quisquam manducet*. Se a sentença de Cristo foi resposta que deu à árvore, sinal é que a ouviu primeiro, e ela alegou de sua justiça.

Reparem aqui os juizes, ou condenadores, que nem a um tronco irracional e insensível condena Deus sem o ouvir. Mas que é o que alegou a árvore? Alegou o mesmo texto do Evangelista; e estava como dizendo mudamente ao Senhor: – Eu bem tomara estar carregada de frutos maduros e sasonados, para os oferecer a meu Criador; porém a causa e impedimento natural de me achar sem eles, é por não ser ainda chegado o tempo: *Non erat tempus ficorum*. E que sem embargo desta réplica, ao parecer tão justificada, a condenasse Cristo, e com condenação eterna: *in sempiternum!* Assim foi. Mas com que fundamento ou justiça? Entre todos os expositores da Escritura, mais letrados e de maior engenho, nenhum houve até agora que desse satisfação cabal a esta dúvida. E a razão de se lhe não achar razão, é porque as razões dos homens não alcançam as de Deus, e onde não sabe descobrir culpa juízo humano, a pode achar o divino. Porque não compreende o homem a Deus? Porque Deus é incompreensível. Pois também por isso os juízos humanos não compreendem os divinos, porque «os divinos são incompreensíveis»: *Quam incomprehensibilia judicia ejus!*

Sobre estes dois princípios tão manifestos, um da ciência de Deus para conosco, outro da nossa ignorância para com Deus, fica satisfeita e emudecida toda a admiração de que Deus haja de julgar até o que reputamos por nada, e nesse mesmo nada haja de arguir e achar culpas de que pedir e tomar conta no dia do juízo. Só resta um escrúpulo, que ainda não acaba de se aquietar, e não menos que acerca da justiça com que Deus nos haja de castigar pelo que não conhecemos. É verdade que Deus sabe de nós o que nós ignoramos de nós, mas essa mesma ignorância nossa não só parece que nos desculpa, mas nos livra de ser pecado o que não conhecemos como tal. Sem vontade não há culpa, sem conhecimento não há vontade; como logo pode ser pecado, e castigado como pecado, o que eu não conheço? Bem tinha decifrado esta teologia o autor do nosso provérbio: Quem ignorantemente peca ignorantemente vai ao Inferno. Uma só ignorância escusa do pecado, que é a invencível. Mas es a poucas vezes se acha. Os demais não só pecam o pecado, mas na ignorância com que o não conhecem. Não pecaram gravissimamente os Judeu na morte de Cristo? E contudo diz S. Pedro que «eles e os seus príncipes o fizeram ignorantemente»: *Scio quia per ignorantiam fecistis, sicut et principes vestri*. E o mesmo Cristo, quando disse: *Pater, ignosce illis, non enim sciunt quid faciunt*, juntamente alegou por eles a ignorância e pediu para eles o perdão. Se a ignorância os livrara do pecado, não tinham necessidade de perdão; mas pediu-lhe o Senhor o perdão, quando lhe confessou a ignorância, porque tão fora estiveram de ficar isentos do pecado, pela ignorância com que o cometeram, que antes a mesma ignorância lhes acrescentou um pecado sobre outro pecado. Um pecado, porque tiraram a vida ao Messias não conhecido, e outro pecado, porque o não conheceram, tendo tanta obrigação como evidência para o conhecer.

Isto mesmo é o que se vê hoje entre os que conhecem e adoram a Cristo; e não por acontecimento raro, senão comumente; nem só nas vidas, senão também nas mortes. Quantos pecados vemos, e quão grandes, nem emendados na vida, nem confessados na morte, os quais não só Deus, mas todo o Mundo está conhecendo, e só os mesmos que os cometem os não conhecem! Não os conhecem, porque a largueza e relaxação da vida escurece a consciência e cega a alma; não os conhecem, porque o amor-próprio sempre

escusa e aligeira o que nos condena; não os conhecem, porque os interesses e conveniências deste Mundo trazem consigo o esquecimento do outro; não os conhecem, porque os não querem examinar, nem consultar com quem deviam; não os conhecem, finalmente, porque com ignorância afectada os «não querem conhecer para os não emendar»: *Noluit intelligere, ut bene ageret.*

«Vede agora se castigará Deus justamente no Dia do Juízo os pecados não conhecidos, se por cometidos merecem um castigo, e por não conhecidos outro maior? Porém se até aquele dia estarão desconhecidos e sepultados nas trevas desta maliciosa e ignorante ignorância, então ressuscitarão e sairão à luz, porque o mesmo juiz universal, como diz S. Paulo, com os resplandores de sua presença «alumiará as consciências de todos os homens e descobrirá manifestamente a cada um tudo o que nelas estava escondido e às escuras»: *Quoadusque veniat Dominus, qui et illuminabit abscondita tenebrarum.* Por meio desta luz desenganadas, então, e assombradas as mesmas consciências do muito que verão sair debaixo do nada, que não viam ou não quiseram ver, nenhuma terá que estranhar nem replicar à sentença, ainda que seja de eterna condenação, e todas dirão convencidas: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.*

VIII

Oh que grande mercê de Deus fora, se hoje, que estamos na representação do mesmo Dia do Juízo, o mesmo Soberano Juiz nos comunicara um raio daquela luz, para que víramos agora o que então havemos de ver, e com os pecados conhecidos nos presentáramos antes ao tribunal de sua misericórdia, que depois ao de sua justiça! Mas bendita seja a bondade do mesmo Senhor, que não só nos deixou comunicado na sua doutrina um raio daquela luz, senão três, se nós lhes não cerramos os olhos! Sendo a matéria de tudo o que passou para a vida, e não há-de passar para a conta, tão imensa à capacidade humana, só a sabedoria divina a poderá compreender; e assim o fez Cristo, Senhor nosso, reduzindo-a e repartindo-a em três parábolas, nas quais nos ensinou, em suma, toda a conta que nos há-de pedir, e de quê. A primeira parábola é dos ofícios, a segunda dos talentos, a terceira das dívidas. E este mesmo número e ordem seguiremos para maior distinção e clareza.

Quanto aos ofícios, diz a primeira parábola, (que é a do villico) que houve um homem rico, o qual deu a superintendência das suas herdades a *um* criado, com nome de administrador delas. E porque não teve boa informação de seus procedimentos, o chamou a sua presença e lhe pediu conta, dizendo: *Redde rationem villicationis tuae; jam enim non poteris villicare:* «Dai conta da vossa administração, porque desde esta hora estais excluído dela». Esta circunstância de ser a conta a última, e não se poder emendar, é uma das mais rigorosas do Dia do Juízo. Vindo pois ao sentido da parábola: o homem rico é Deus; as suas herdades são as igrejas e as províncias; o administrador no espiritual é o papa, no temporal é o rei, e abaixo destes dois supremos todos os outros ministros eclesiásticos e seculares, que repartidamente têm inferior jurisdição sobre os mesmos súbditos. A todos estes, pois, há-de pedir Deus estreita conta, não só quanto às pessoas, senão também, e muito mais, quanto aos ofícios. Quanto à pessoa, há-de dar cada um conta de si; e quanto aos ofícios, há-de dar a mesma conta de todos aqueles que governou e lhe foram sujeitos. De sorte que o papa há-de dar conta de toda a Cristandade, o rei de toda a monarquia, o bispo de toda a diocese, o governador de toda a província, o pároco de toda a freguesia, o magistrado de toda a cidade e o cabeça da casa de toda a família. Oh se os homens souberam o peso que tomam sobre si, quando com tanta ânsia e negociação pretendem e procuram os ofícios, ou seculares ou eclesiásticos, como é certo que haviam de fugir e benzer-se deles! Mas não os procuram

pelo peso, senão pela dignidade, pelo poder, pela honra, pela estimação, e, mais que tudo hoje, pelo interesse. Porém, quando no Dia do Juízo se lhes tomar a conta pelo peso, então verão onde os leva a balança.

Se é tão dificultoso dar boa conta da alma própria, que é uma, quão difícil e quão impossível será dá-la boa de tantas mil? Como é certo que não temos fé nem sabemos a que nos obriga! Vedes quantas almas há nesta cidade, quantas almas há nesta província, quantas almas há em todo o reino? Pois sabei, se o ignorais, ou não advertis, que de todas essas almas hão-de dar conta a Deus os que governam a cidade, a província e o reino. Porque, assim como sobre todos e cada um tem poder e mando, assim em todos e cada um são obrigados a lhe fazer guardar as leis, não só as humanas, senão também as divinas, Não é isto encarecimento meu, senão doutrina sólida e de fé, pronunciada por boca de S. Paulo: *Obedite praepositis vestris, et subjacete eis; ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris redditu*: «Obedecei, diz o Apóstolo, a vossos superiores, e sede-lhes muito sujeitos, porque a sua obrigação é zelar e vigiar sobre as vossas vidas, como aqueles que hão-de dar conta a Deus de vossas almas». Vede quanto maior é a sujeição dos superiores que a dos súbditos. Quantos são os súbditos que estão sujeitos ao superior, tantas são as almas de que está sujeito o superior a dar conta a Deus. E posto que este oráculo bastava para nenhum homem que tem fé querer tomar sobre si uma tal sujeição, ouvi agora o que nunca ouvistes.

Nem todas as sentenças de Cristo estão escritas no Evangelho, algumas ficaram somente impressas na tradição de seus Discípulos, entre os quais é tão notável como terrível esta: *Omne peccatum, quod remissus et indisciplinatus admiserit frater, ad negligentem protinus revertitur seniore*. Quer dizer: «todos os pecados que cometem os súbditos, se escrevem e carregam logo no livro das culpas do superior», porque há-de dar conta deles. De modo que, segundo esta sentença e revelação do mesmo Cristo, todos os homicídios, todos os adultérios, todos os furtos, todos os sacrilégios e mais pecados que os vassallos cometem na vida e reinado de um rei, e as ovelhas e súbditos na vida e governo de um prelado, todos estes pecados se lançam logo e escrevem nos livros de Deus, debaixo do titulo do tal rei e debaixo do título do tal prelado, para se lhes pedir conta deles no Dia do Juízo.

Ponhamos agora este rei, e depois poremos também este prelado diante do tribunal divino, e vejamos que respondem a estes cargos. O rei é a cabeça dos vassallos; e quem há-de dar conta dos membros, senão a cabeça? O rei é a alma do reino; e quem há-de dar conta do corpo, senão a alma? Pedirá, pois, conta Deus a qualquer rei, não digo dos pecados seus e da pessoa, senão dos alheios e do officio. E que responderá já não rei, mas réu? Parece que poderá dizer:

– «Eu, Senhor, bem conhecia que era obrigado a evitar os pecados dos meus vassallos, quanto me fosse possível, mas a minha corte era grande, o meu reino dilatado, a minha monarquia estendida pela África, pela Ásia e pela América; e como eu não podia estar em tantas partes, e tão distantes, na corte tinha provido os tribunais de presidentes e conselheiros, no reino de ministros de justiça e letras, nas conquistas de vice-reis e governadores, instruídos de regimentos muito justos e aprovados. E isto é tudo o que fiz e pude fazer».

Também poderá meter nesta conta o seu próprio palácio e aqueles de que se servia mais familiar e interiormente. Mas sobre todos cai a réplica:

– «E esses que elegestes – dirá Deus – porque os elegestes? Não foram alguns por afeição e outros por intercessão, e outros por adulação, e outros por ruim e apaixonada informação? E os que ficaram de fora com mais conhecido merecimento, porque os excluístes? Mas dado que todos fossem eleitos com os olhos em mim, e justamente, depois que na administração de seus officios conhecestes que não procediam como eram

obrigados, porque os não removestes logo, porque os dissimulastes e conservastes, e, o que pior é, porque os despachastes de novo, e com mais autorizados postos? Se o que assolou uma província o deixastes continuar na mesma assolação, e depois o promovestes a outro governo maior, como não fostes cúmplice das suas injustiças, e das culpas que ele em vez de remediar acrescentou com as suas e com o exemplo delas? Se as suas tiranias vos foram manifestas, como as deixastes sem castigo, e os danos dos ofendidos sem restituição? Quantas lágrimas de órfãos, quantos gemidos de viúvas, quantos clamores de pobres chegavam ao Céu no vosso reinado, quando para suprir superfluidades vós e doações inoficiosas, vossos ministros, (por isso premiados e louvados) com impiedade mais que desumana, não os despojavam, mas despíam?»

Isto é o que poderá replicar Deus, emudecendo e não tendo que responder o triste rei. E qual será a sua sentença? No Dia do Juízo se ouvirá. O certo é que David, rei santo antes de pecador, e depois de pecador exemplo de penitência, o de que pedia perdão a Deus, era dos pecados ocultos e dos alheios: *Ab occultis meis munda me et ab alienis parce servo tuo*. Mas os pecados ocultos naquele dia serão manifestos, e dos alheios, por ter sido rei, se lhe pedirá tão estreita conta como dos próprios.

Entra agora o prelado a dar conta, e a ouvir em estátua o processo que depois da ressurreição lhe será notificado em carne. Oh que espectáculo será aparecer descorado da mitra e despido dos paramentos pontificais diante da majestade de Cristo Jesus, aquele a quem o mesmo Senhor autorizou com o nome e poderes de seu vigário, e cuja humana e divina Pessoa representou nesta vida! *O pastor et idolum!* Lhe dirá Cristo:

– «Tu que foste pastor no nome, e como ídolo te contentaste com a adoração exterior que não merecias, dá conta. Não ta peço das misérias ocultas, senão das públicas e escandalosas de tuas mal guardadas e desprezadas ovelhas. Eram miseráveis no temporal, e não trataste de remediar suas pobreza; e eram muito mais miseráveis no espiritual, e não cuidaste de curar nem de preservar seus pecados. Se as rendas que com tanta cobiça recolhias e com tanta avareza guardavas, eram o meu património, que eu aquiri, não menos que com o meu sangue, porque o não distribuístes aos meus verdadeiros acredores, que são os pobres? Porque o despendeste em carroças, criados e cavalos regalados, estando eles morrendo de fome; e em vestir as tuas paredes de ouro e seda, andando eles despídos e tremendo de frio? Se o zelo de teus ministros visitava as vidas dos pequeninos, tratando mais de se aproveitar das condenações, que de lhes emendar as consciências; os pecados monstruosos dos grandes, que tão soberba e escandalosamente viviam na face do Mundo, como os deixastes triunfar com perpétua imunidade, como se foram superiores às leis da minha Igreja?»

– «Confesso, Senhor, responderá o prelado, que em uma e outra cousa faltei, mas não sem causa. O que despendi com minha casa e pessoa, foi para satisfazer aos olhos do vulgo, que só se leva destes exteriores, e para conservar a autoridade do officio e veneração da dignidade. E se contra os pecados dos grandes me não atrevi, foi porque os seus poderes são inexpugnáveis; e julguei por menos inconveniente não entrar com eles em batalha, que com afronta e desprezo das mesmas leis da Igreja, ficar no fim da peleja vencido. E finalmente, Senhor, em uma e outra omissão segui o exemplo universal, e o que usam neste officio os que com mais poderosas armas e com maiores jurdições que a minha, costumam em toda a parte fazer o mesmo.

– «Ó ignorante, ó covarde – replicará Cristo –Tão ignorante e covarde, como se não tiveras lido as Escrituras, nem os cânones e exemplos da mesma Igreja! Porventura Pedro e Paulo, e os outros Apóstolos, que me imitaram a mim, e os seus verdadeiros sucessores, que os imitaram a eles, conciliavam a autoridade das pessoas e do officio, ainda entre gentios, com os aparatos exteriores? Não sabes que esse mesmo povo, com cujos olhos te escusas, se por dares tudo aos pobres, te vissem desacompanhado, só e a

pé pelas ruas, e ainda com os pés descalços, então se ajoelhariam todos diante de ti e te adorariam? E quanto à covardia de te não atreveres com os grandes, tendo a teu lado a espada de Pedro; contra quem se atrevia David, que foi o exemplar dos meus pastores? Entre as feras tomava-se com os leões e entre os homens com os gigantes. Que fera mais fera que a Imperatriz Eudóxia, e vê como a não temeu Crisóstomo; e que leão mais coroadado que o Imperador Teodósio, e vê como o humilhou e pôs a seus pés Ambrósio. Finalmente, se não seguiste o valor destes, senão o que chamas costume dos outros, agora verás em ti e neles, que se eles o costumam fazer assim, eu também costume mandar ao Inferno os que assim o fazem.»

Isto baste quanto à conta dos ofícios, e tomem exemplo os ministros seculares na conta do rei e os eclesiásticos na do prelado.

IX

Quanto à conta dos talentos, esta temos na parábola dos criados, a quem o rei encomendou diferentes cabedais, para que negociassem com eles enquanto fazia certa jornada: *Negotiamini dum venio*. O rei é Cristo, a jornada foi a de sua subida ao Céu, e a tornada há-de ser no Dia do Juízo, em que há-de pedir conta a cada um do que negociou com os talentos que lhe deu e do que lucrou e ganhou com eles: *Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis*. Os talentos são os meios assim universais como particulares, com que a Providência Divina assiste a todos os homens, e a cada um para sua salvação e perfeição; e os avanços ou ganâncias são o aumento das virtudes, merecimentos e graça que no exercício, agência e indústria com que se aplicam os mesmos meios, alcançam os que não são negligentes. Quão exacta pois haja de ser esta conta e quão rigorosa para os que usarem mal do talento, na mesma história o temos. Os criados, a quem o rei fiou os talentos, eram três: ao primeiro entregou cinco, o qual granjeou outros cinco; ao segundo entregou dois, o qual granjeou outros dois, e ambos foram louvados; ao terceiro deu um só talento, o qual ele enterrou. E posto que na conta o ofereceu outra vez e restituiu inteiro, porque não tinha negociado com ele, nem adquirido coisa alguma, o senhor não só o lançou fora de sua casa e o mandou privar do talento, mas o pronunciou por mau criado – *serve nequam* – que foi a sentença de sua condenação. E se quem na conta toma a entregar o talento que Deus lhe deu, inteiro e sem defraudo, se condena, que será dos que o desbaratam e perdem, e talvez o convertem contra si e contra o mesmo Deus?

Para inteligência desta gravíssima e perigosa matéria havemos de supor o que se não cuida; e é que não só são talentos os dotes da natureza, os bens da fortuna e os dons particulares da graça, senão também os contrários ou privações de tudo isto. Não só é dote da natureza a formosura, senão também a fealdade; não só as grandes forças, senão a fraqueza; não só o agudo entendimento, senão o rude; não só a perfeita vista, senão a cegueira; não só a saúde, senão a enfermidade; não só a larga vida, senão a breve. Do mesmo modo nos bens que chamam da fortuna, não só é bem o ilustre nascimento, senão o humilde; não só as dignidades altas, senão o lugar e ofício abatido; não só as riquezas, senão a pobreza; não só o descanso, senão os trabalhos; não só os sucessos prósperos, senão os adversos; não só os mandos, senão o ser mandado; nem só as vitórias e triunfos, senão o ser vencido. Finalmente, nas graças ou dons da graça, não só é graça o dom das línguas, mas o não saber falar, ou ser mudo; não só o das letras e ciências, senão o da ignorância; não só o do conselho e discricção, senão o de não ter nem poder dar voto; não só o da ostentação e boato dos milagres, senão o de não ser em coisa alguma maravilhoso, senão totalmente desconhecido e desprezado.

A razão desta verdade interior e providência verdadeiramente divina é porque

todas estas cousas, posto que entre si contrárias, podem ser meios que igualmente nos levem à salvação e promovam à virtude, principalmente sendo distribuídos e dispendados por Deus e aplicados «conforme o génio de cada um», que por isso diz o texto que foram dados os talentos: *Unicuique secundum propriam virtutem*. Assim que, tanto se podia aproveitar Raquel da sua formosura, como Lia da sua deformidade; tanto Achitofel do seu entendimento, como Nabal da sua rudeza: tanto Matusalém dos seus novecentos anos, como o moço de Naim dos seus vinte; tanto Cressa dos seus tesouros, como Iro da sua pobreza; tanto Júlio César da sua fortuna, como Pompeu da sua desgraça; tanto Alexandre Magno das suas vitórias, como Dano e Poro de ele os ter vencido; tanto Arão da soltura e eloquência da sua língua, como Moisés do impedimento da sua; tanto a subtilíssimo Escoto da sua ciência, como Frei Junípero da sua simplicidade; tanto S. Pedro dos seus milagres, como o Baptista de nunca fazer milagres.

Daqui se segue que tanta conta há-de pedir Deus ao rico da sua riqueza, como ao pobre da sua pobreza; tanta ao são da sua saúde, como ao doente da sua enfermidade; tanta ao honrado da sua estimação, como ao afrontado da sua injúria; e tanta a todos do que deu a uns, como do que negou a outros; porque se o rico pode granjear com o seu talento por meio da esmola, a pobre também pode com o seu par meio da paciência. E assim dos demais. Antes é.. certo que entre as causas, que se chamam prósperas ou adversas, mais eficazes são para o merecimento as que mortificam a natureza, que as que lisonjeiam o apetite; e mais seguras para a salvação as que pesam e carregam para a humildade, que as que elevam e desvanecem para a soberba. Só souberam manejar uns e outros meios e aproveitar-se com igualdade de ambas os talentos. um S. Paulo, que dizia: *Scio et abundare, et scio esurire*. E um Job, que na mesma volta da sua primeira para a segunda fortuna, disse: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* Mas estes homens quadradas nascem poucas vezes no ‘Mundo. Os dados tão firmes se assentam com poucos pontos, como com muitos; e tão direitos estão com as sortes, coma com os azares.

Desta maneira (e seja esta a única e importantíssima advertência) desta maneira devemos aceitar como da mão de Deus, e contentar-nos com o talento ou talentos que ele foi servido dar-nos, ou sejam como os cinco, ou como os dois, ou como um somente; e se pudera ser nenhum, ainda fora mais seguro. Quando o rei distribuiu os talentos aos criados, não lemos que algum deles se descontentasse da repartição. Se os que Deus deu a outros, são maiores que os vossos, eles terão mais, e vós menos de 4ue dar conta ao mesmo Deus. Mas somos como os que lançam nas rendas dos reis, que só olham para o que recebem de presente e não para a conta que hão-de dar de futuro.

Admirável foi neste género a variedade e repartição de fortunas, com que Jacob (digamo-lo assim) fadou a seus filhos, quando na hora da marte lhes lançou a bênção. Usou dos nomes de diferentes animais, e a Judas chamou leão: *catulus leonis Juda*; a Dan serpente: *fiat Dan coluber in via*; a Benjamim lobo: *Benjamin lupus rapax*; a Neftali cervo: *Nephtali cervus emissus*; a Issacar jumento: *Issachar asinus fortis*. Os animais todos têm suas inclinações, instintos e propriedades, e todos suas coma virtudes ou vícios naturais: o leão generoso, a serpente astuta, o lobo voraz, o cervo ligeiro, o jumento sofredor do trabalho. E debaixo destas metáforas significava Jacob aos filhos os talentos de cada um e o uso deles, e quais haviam de ser as acções e sucessos de suas vidas e descendências. E sendo assim, que estes mesmos irmãos sofreram tão mal ao mesmo pai fazer uma túnica a um deles de melhor estofa, que por isso a quiseram tingir em seu próprio sangue; como agora nenhum deles se queixa de o pai os vestir de tão diferentes peles e pêlos e de lhes dar ou chamar tão diferentes nomes e de tão diferente nobreza, quanto vai de loba a cervo, de serpente a leão e de leão a jumento? – Porque na

diferença da túnica obrava Jacob como pai em seu nome: na diferença e repartição das talentos, falava como profeta em nome de Deus; e como a distribuição era feita por Deus e os talentos dados por ele, posto que fossem tão diversos na estimação e crédito, quanto vai do império à servidão e do leão ao jumento, todos, abaixando a cabeça, se contentaram e conformaram com a sua sorte e nenhum houve que abrisse a boca para se queixar ou metesse os olhos debaixo das sobranceiras, para mostrar descontentamento. E que dirão a isto os que tantas vezes deixaram a Religião e a mesma Fé, por não terem humildade, nem paciência para sofrer que se lhes antepusessem os que não podiam igualar no talento?

Toda o talento é arriscado a o perder ou não dar boa conta dele a presunção humana. Os maiores pela soberba, os menores pela inveja e os mínimos pela desesperação e pusilanimidade. Da casta destes últimos foi o que enterrou o talento, podendo ser melhor e mais celebrado que todos, se o não enterrara.

Puseram alguns teólogos em questão qual dos criados se mostrara mais industrioso: se o que com dois talentos granjeara dois, ou o que com cinco granjeara cinco; e como entre eles se não decidisse a questão, devolveu-se a uma academia de mercadores, os quais todas resolveram que mais industrioso fora o que com dois negociara dois, que o que com cinco granjeara cinco; porque mais dificultoso é ganhar pouco com pouco, que muito com muito. E sobre esta, que é primeira máxima nos negociantes, provada com a experiência, acrescentaram que, se o que teve um só talento granjeara outro, excederia sem comparação na indústria ao dos dois e ao dos cinco.

Grande consolação, e verdadeira, se a quisessem aceitar os talentos medianos! Mas quem poderá curar a cegueira e contentar a inveja dos que se vêem excedidos? Saul porque ouviu (vede a quem?) porque ouviu que as chacotas lhe preferiam a David, tantas vezes e por tantos modos o quis matar, e por isso perdeu a coroa. E Dédalo, aquele famoso artífice que preso em uma torre, inventou e formou as asas com que fugiu dela voando, vendo que Perdiz, seu discípulo, inventara o compasso, e da imitação de uma espinha a serra, temendo que o havia de exceder no talento, o despenhou primeiro da mesma torre.

Mas ainda são mais arriscados os talentos que na eminência se estremam sobre todos. Que havia de ser de Agostinho, de quem se rezava nas escolas católicas: – *A logica Augustini libera nos, Domine* – se, amolecido com as lágrimas de sua mãe, ela (como um lírio que se gera das lágrimas de outro) o não tomara a gerar? Suceder-lhe-ia o que ao profundíssimo engenho de Tertuliano, e ao imenso de Orígenes, os quais, venerados como oráculos da sua idade e primeiros mestres da Igreja, a perderam e se perderam. Mas que muito é que o barro caia e se quebre, se o entendimento de Lúcifer, sendo o maior que Deus criou, excedendo-o só o do mesmo Deus, antes quis cair do Céu, que ver-se nele excedido! Tanta conta têm como isto os talentos menores, e só por isso poderão dar boa conta!

X

A das dívidas é a que só nos resta, última, maior e mais dificultosa de todas. Esta se contém na parábola do outro rei, o qual fez o que muitos não fazem, que é tomar conta aos criados de sua casa: *Qui voluit rationem ponere cum servis suis*. Do que logo se segue, no princípio das contas se mostra bem, que este chamado rei seria o mais poderoso e rico monarca de quantos houve ou não houve no Mundo; porque o primeiro criado foi convencido de que era devedor à fazenda ou erário real de cento e vinte milhões de ouro. Tanto vêm a montar os que o texto chama *decem millia talenta*; porque, falando Cristo com os Hebreus, e na língua hebraica, também no cômputo e

valor da dívida se há-de entender de talentos, não gregos, senão hebraicos. Mas como era possível que um criado devesse a seu rei cento e vinte milhões? – Respondo que, quando a parábola dissera dez mil vezes outros tantos, ainda diria muito menos do que queria significar. Porque este rei é Deus, e esta dívida é a dos benefícios que Deus tem feito ao homem; e como o menor benefício divino, por si mesmo ou por seu Autor, é de valor infinito, não há número em toda a aritmética, nem preço em todas as criaturas com que se possa comparar, quanto mais igualar.

Santo Agostinho, para representar mais clara e mais patentemente esta conta, introduz ao mesmo Cristo, fazendo-nos por sua própria Pessoa os cargos do que lhe devemos, como fará no Dia do Juízo: *Quid est quod debui ultra facere vineae meae, et non feci ei?*

– «Que cousa há que eu devesse fazer-te, ó homem, ou devesse fazer por ti, que não tenha feito? De nada te era devedor, e como se o fora, de quanto tenho, de quanto posso e de quanto sou, tudo empreguei e despendi contigo. Criei-te quando não eras, tirando-te dos abismos do não ser ao ser; dei-te um corpo formado com minhas mãos, o mais perfeito; dei-te uma alma tirada de minhas entranhas e feita à minha imagem e semelhança; ornei e habilitei um e outro com as mais excelentes potências e os mais nobres sentidos, para que fossem os instrumentos com que me servisses e amasses; e tu, ingrato, que fizeste? Dá conta dos cuidados, pensamentos e máquinas do teu entendimento; das lembranças e esquecimentos da tua memória; dos desejos e afeições da tua vontade. Dá conta de todos os passos de teus pés, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas dos teus olhos, de todas as atenções dos teus ouvidos, de todas as palavras de tua língua e de tudo o mais que tu sabes e não cabe em palavras. Depois de criado, que seria de ti, se eu com o mesmo poder e providência te não conservara? De repente perderias o ser e tornarias ao nada donde saíste. Para tua conservação, te dei não só o necessário, senão o superabundante, e tanta imensidade de criaturas no Céu e na Terra, todas sujeitas a ti e ocupadas em teu serviço. Dei-te um anjo, que de dia e de noite, velando e dormindo, te assistisse e guardasse, como sempre assistiu e guardou. Agora te revelo os perigos secretos e ocultos de que foste livre por seu meio; e tu lembra-te dos públicos e manifestos, que experimentaste e viste. Quantos pereceram em outros muito menores? Quantos mais moços que tu, acabaram de mortes desastradas e repentinas, sem tempo, nem lugar de arrependimento e emenda, que eu sempre te concedi? Dá, pois, conta da vida, dá conta da saúde, dá conta dos anos, dá conta dos dias, dá conta das horas, sendo mui poucas e contadas as que não empregaste em me ofender».

«Até agora te referi as dívidas exteriores do poder; agora me responderás às interiores e pessoais do amor e do muito que fiz e padeci por ti. Por ti, depois de te fazer à minha imagem e semelhança, me fiz à tua, fazendo-me homem; por ti nasci nos desamparos de um presépio; por ti fui desterrado ao Egipto; por ti vivi trinta anos sujeito à obediência de um oficial, ajudando o trabalho de suas mios com as minhas e acompanhando o suor do seu rosto com o meu; por ti e para ti, sai ao Mundo a pregar o Reino do Céu; por ti nas peregrinações de toda Judeia e Galileia, sempre a pé e muitas vezes descalço, padeci fomes, sedes, pobreza, sem ter lugar de descanso, nem onde reclinar a cabeça; por ti recebi ingratidões por benefícios, ódios por amor, perseguições por boas obras; por ti suei sangue; por ti fui preso, por ti afrontado, por ti esbofeteado, por ti cuspidado, por ti açoutado, por ti escarnecido, por ti coroado de espinhos, por ti, enfim, crucificado entre ladrões, aberto em quatro fontes de sangue, atormentado e afligido de angústias e agonias mortais, e ainda, depois de morto, atravessado o coração com uma lança. De tudo isto pedi por ti perdão a Deus, e o pago que tu me deste foi não me perdoar, tornando-me a crucificar tantas vezes, quantas gravemente pecaste, como te

mandei declarar pelo meu Apóstolo: *Rursum crucifigentes Filium Dei*. Se as gotas de sangue que derramei por ti, tiveram conto, nem de uma só me puderas dar boa conta, ainda que padeceras por mim mil mortes; mas os milhares e os milhões foram das vezes que pisaste o mesmo sangue, sacrificando o infinito valor e merecimento dele, aos ídolos do teu apetite.

Ainda em certo modo é maior dívida a de que agora te pedirei conta, que é a da vocação. Reservei o saíres à luz deste Mundo para o tempo da Lei da Graça; chamei-te à Fé antes de me poderes ouvir, antecipou-se o meu amor ao teu uso da razão, e fiz-te meu amigo pelo baptismo. Com o leite e doutrina da Igreja te dei o verdadeiro conhecimento de mim, benefício que por meus justos juízos em quatro e cinco mil anos não concedi a tantos e de que ainda nos teus dias careceram muitos. Não tiveste juízo nem consideração, para ponderar e pasmar de que, tendo a minha justiça razões para condenar um gentio que me não conheceu, as tivesse minha misericórdia para perdoar a um cristão, que, conhecendo-me, tanto me ofendia. Perdida a graça da primeira vocação, caíste, e tornei-te a chamar e dar a mão, para que te levantasses; levantado, tornaste a reincidir uma e tantas vezes, e eu, posto que tão repetidamente ofendido, e com tão continuadas experiências da pouca firmeza de teus propósitos e falsidade de tuas promessas, não cessei de te oferecer de novo meus braços e te receber sempre com eles abertos; até que, infiel, rebelde e obstinado, cerrando totalmente os ouvidos a minhas vozes, te deixaste jazer no profundo letargo da impenitência final. Dá agora conta de tantas inspirações interiores minhas, de tantos conselhos dos confessores e amigos, de tantas vozes e ameaças dos pregadores, que ou não querias ouvir, ou ouvias por curiosidade e cerimónia; e também ta pudera pedir de eu mesmo te não chamar eficazmente na hora da morte, porque o desmereceste na vida».

«Sete fontes de graça deixei na minha Igreja, (que é o benefício da justificação) para que nelas se lavassem as almas de seus pecados, e com elas se regassem e crescessem as virtudes. Em uma te facilitei em tal forma o remédio para todas as culpas, que só com as confessar te prometi o perdão, que tu não quiseste aceitar, fugindo da benignidade daquele sacramento como rigoroso e amando mais as mesmas culpas, que estimando o perdão. Em outra te dei a comer minha carne e a beber meu sangue, e juntamente os tesouros infinitos de toda a minha Divindade, em penhor da glória e bem-aventurança eterna, que foi o altíssimo fim para que te criei. Desprezaste o fim, não quiseste usar dos meios; e porque escolheste antes estar para sempre sem mim no Inferno, que comigo no Céu, tua é, e não minha, a sentença que logo ouvirás com os outros malaventurados: *Ite, maledicti, in ignem aeternum*».

XI

Aqui parou a conta das dívidas, que era a última e maior partida que só restava para as contas. E aqui virão a parar todos os que tão descuidados vivem de as dar boas naquele dia. O dia de ira! ó dia de furor! ó dia de vingança! ó dia de amargura! ó dia de calamidade! ó dia de miséria! ó dia estupendo! ó dia tremendo! ó dia sobre toda a compreensão terrível! Assim lhe chamam com horror os clamores dos Profetas, pela estreitíssima conta que nele se nos há-de pedir a todos. E se tudo passa para a vida e nada passa para a conta; que cegueira e que insânia é a dos que todos seus cuidados empregam no que passa, sem memória nem cuidado do que não há-de passar? Pode caber em entendimento com juízo, maior loucura que trabalhar de dia e de noite um homem, e cansar-se e desvelar-se e matar-se, pelo que passa com a vida e há-de deixar com a morte, e não ser o seu único cuidado e desvelo tratar só do que só há-de levar consigo e do que só se lhe há-de pedir conta? Ouçam estes loucos a St^o Agostinho:

Peccas propter pecuniam? hic dimittenda est. Peccas propter villam? Hic dimittenda est. Peccas propter mulierem? hic dimittenda est. Et quidquid est propter quod peccas, hic dimittis, et ipsum peccatum, quod committis, tecum portas: «Pecas, homem, por amor do dinheiro? e cá há-de ficar o dinheiro. Pecas por amor da herdade? e cá há-de ficar a herdade. Pecas por amor da mulher ou tua, ou não tua? e cá há-de ficar a mulher. Mas havendo de ficar cá tudo aquilo por que pecaste, o que só há-de levar contigo é o pecado. Toda a matéria dos pecados cá há-de ficar, porque passou com a vida, e só o pecado há-de ir connosco, porque não passou para a conta.»

Parece-me que, para desenganar a quem tem fé, basta a evidência destes dois pontos, O que só quisera alcançar de Deus e pedir aos que me ouviram, é que tomem este desengano enquanto vivem neste Mundo e não o guardem para o Inferno. Descreve o Espírito Santo no livro da Sabedoria, uma prática que tiveram entre si no Inferno os que lá foram, depois de ter gastado a vida em tudo o que passa com a mesma vida; e o que falavam, era desta maneira: *Ergo erravimus a via veritatis, et sol intelligentiae non est ortus nobis:* «O certo é (diziam) que errámos o caminho, e que andámos às escuras, e que em tantos dias quantos vivemos, nunca nos amanheceu a luz do Sol». *Quid nobis profuit superbia:* «que nos aproveitaram a soberba e glória vã das honras do Mundo?» *Divitiarum jactancia quid contulit nobis:* «de que nos serviu a jactância das riquezas?» E os gostos, delicias e passatempos em que elas se consomem, de que nos aproveitaram? «Todas essas cousas passaram como a sombra»: *Transierunt omnia illa tanquam umbra.* Todas passaram «como o correio, que sempre caminha, e não pára»: *Tanquam nuntius percurrens.* Todas passaram «como a nau, que vai cortando as ondas, e depois que passou, se lhe não acha rasto»: *Et tanquam navis, qua pertransit fluctuantem aquam; cujus, cum praterierit, non est vestigium invenire.* Todos passaram «como a ave que, voando e batendo o leve vento, que corta, nem sinal deixa do seu caminho»: *Aut tanquam avis qua transvolat in aere verberans levem ventum, et nullum signum invenitur itineris illius.* Todas passaram «como a seta despedida do arco ao lugar destinado, que, dividindo o ar, o qual logo se cerra e une, não se pode conhecer por onde passou»: *Aut tanquam sagitta emissa in locum destinatum, divisus aer in se reclusus est, ut ignoretur transitus illius.* Agora, agora conhecem bem no Inferno, e não acham comparação com que bastantemente declarar a suma velocidade com que todas as cousas passam, e com a mesma pressa (dizem) passámos nós, porque, «apenas nascidos, logo deixámos de ser, e sem deixar sinal algum de virtude, em nossos próprios vícios nos consumimos:» *Sic et nos nati continuo desivimus esse: et virtutis quidem nullum signum valuimus ostendere: in malignate autem nostra consumpti sumus.*

Isto conferiam entre si naquela triste e tarde desenganada conversação os miseráveis condenados, os quais para maior dor, levantando os olhos ao Céu e vendo lá gloriosos e triunfantes os que trataram mais da estreiteza da conta que da largueza da vida: *Poenitentiam agentes, et prae angustia spiritus gementes;* com vozes que lhes saíam do interior angustiado, e com arrependimento e gemidos, que já não aproveitavam, *dicentes intra se,* diziam entre si e consigo... que é o que diziam? *Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem impropertii:* «Aqueles são os de que nós zombávamos», rindo-nos dos seus escrúpulos de consciência e das penitências e rigores com que mortificavam seus corpos, quando nós só tratávamos de regalar os nossos e satisfazer nossos apetites; e agora vemos que «eles foram os prudentes e sesudos, e nós os loucos e insensatos, pois eles, pondo os olhos no fim e no prémio de que nós não fizemos caso, estão gozando da glória entre os santos, como nós padecendo as penas entre os condenados»: *Nos insensati vitam illorum aestimabamus insaniam, et unem illorum sine honore: ecce quomodo computati sunt inter filios Dei et inter sanctos sors illorum est.* Tais são as cousas que disseram, conclui o Espírito Santo,

e «tais os discursos que fizeram no Inferno os maus», quando lá se viram. *Talia dixerunt in inferno hi qui peccaverunt*. Vejamos agora, e consideremos bem, os que por misericórdia de Deus ainda temos tempo e vida, se é melhor aproveitar deste desengano neste Mundo ou guardá-lo para o Inferno, e se folgaremos no dia da conta de ter imitado os prudentes, que eternamente hão-de gozar a vista de Deus no Céu, ou acompanhar os loucos e insensatos, que hão-de padecer as penas do Inferno por toda a eternidade?

Obra digitalizada e revista por José Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, Outubro de 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
